

AS IDENTIDADES DIASPÓRICAS DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *INTÉRPRETE DE MALES* E *TERRA DESCANSADA*, DE JHUMPA LAHIRI¹

DIASPORIC IDENTITIES OF FEMALE CHARACTERS IN
INTERPRETER OF MALADIES AND UNACCUSTOMED EARTH,
BY JHUMPA LAHIRI

Débora Pereira Miranda de Almeida²

RESUMO: *Intérprete de males* e *Terra descansada* são duas coletâneas de contos de Jhumpa Lahiri, em que a autora pós-colonial narra sobre sujeitos que vivem no entre-lugar. As histórias geralmente se passam entre a Índia e os Estados Unidos. A estrutura do nosso artigo tem como objetivo principal investigar as identidades diaspóricas das personagens femininas e a construção da sua identidade no terceiro espaço. Para isso, será feita a análise de alguns contos das duas obras. Utilizaremos como apoio teórico as ideias de Stuart Hall, Homi Bhabha, Sandra Regina G. Almeida, Salman Rushdie, Zygmunt Bauman, entre outros teóricos da área dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Jhumpa Lahiri. Identidade. Diáspora. Personagens femininas.

ABSTRACT: *Interpreter of maladies* and *Unaccustomed earth* are two collections of short stories by Jhumpa Lahiri, in which the postcolonial author tells about subjects living in between. The stories usually happen between India and the United States. The structure of our article has as its main purpose the investigation the diasporic identities of female characters and the construction of their identity in the third space. For this, will be made the analysis of short stories of the two works. We will use as theoretical support the ideas of Stuart Hall, Homi Bhabha, Sandra Regina G. Almeida, Salman Rushdie, Zygmunt Bauman, among other Cultural Studies scholars.

Keywords: Jhumpa Lahiri. Identity. Diaspora. Female characters.

¹ Artigo recebido em 22 de setembro de 2019 e aceito em 20 de novembro de 2019. Texto orientado pela Profa. Dra. Maria Clara Versiani Galery (UFOP).

² Mestranda do Curso de Estudos da Linguagem da UFOP.
E-mail: deb.miranda07@hotmail.com



*I have never felt a very strong affiliation with any nation
or ethnic group. I always felt between the cracks of two cultures.*
(Jhumpa Lahiri)

INTRODUÇÃO

A migração tornou-se um fenômeno universal no mundo atual. Chamamos de literatura diaspórica a obra literária produzida por escritores imigrantes, que vivem longe de sua terra natal e compartilham a experiência do deslocamento. É notável, nesse sentido, como a literatura contemporânea em língua inglesa é rica em temas e autores que experimentaram o exílio, forçado ou voluntário, vivenciando situações de conflito cultural. É uma literatura que ganhou grande destaque durante as últimas décadas. Podemos destacar, aqui, alguns escritores da diáspora indiana que se tornaram bem sucedidos no mercado editorial, tais como Arundhati Roy, Bharati Mukherjee, Shauna Singh Baldwin, Anjana Appachana, Anita Nair, Chitra Banerjee Divakaruni, Manjula Padmanabhan, Salman Rushdie e Jhumpa Lahiri (LAKSHMI; CHITHRA, 2019).

Com o intuito de refletirmos sobre as formas com que a literatura aborda a experiência do exílio e a formação de identidades diaspóricas, escolhemos duas coletâneas de contos, *Intérprete de males* e *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri. Propomos uma análise dos textos que deram título às obras, observando, sobretudo, os conflitos vivenciados pelas personagens femininas que vão morar em uma terra estrangeira. Com essa finalidade, utilizaremos de apoio teórico as ideias de Stuart Hall e Homi Bhabha, e de outros estudiosos desse campo de saber, como: Sandra Regina G. Almeida, Salman Rushdie, Zygmunt Bauman entre outros.

Jhumpa Lahiri nasceu em Londres, em 1967. Filha de pais indianos, mudou-se, aos dois anos, para os Estados Unidos, com sua família, e viveu em Kingston, Rhode Island, onde cresceu. Seu verdadeiro nome é Nilanjana Sudeshna Lahiri. Quando começou o Jardim de Infância, sua professora decidiu chamá-la de **Jhumpa**, porque era mais fácil pronunciar, de modo que a autora acabou adotando o apelido. Lahiri recebeu seu B. A. (*Bachelor of Arts*) em Literatura Inglesa, no Barnard College, em 1989. A autora fez três cursos de mestrado, voltados para as artes e a literatura; e um doutorado em Estudos Renascentistas, na Universidade de Boston, todos na década de 1990. Em 2001, Lahiri se casou com Alberto Vourvoulis-Bush, um jornalista. Atualmente, ela mora em Roma, com o marido e os dois filhos. Sua trajetória de vida se reflete em suas obras, pois Lahiri representa o sujeito no entre-lugar, no terceiro espaço, o local onde a diferença cultural acontece. É nesse espaço que ocorre o processo de significação entre as duas culturas, processo esse que não se encontra numa das culturas, nem na outra, mas no espaço entre elas.



Após o lançamento de seu primeiro livro, *Interpreter of maladies*, Lahiri recebeu o Prêmio Pulitzer e o Prêmio PEN/ Hemingway Award. Essa obra foi traduzida para o português brasileiro em 2001, por Paulo Henriques Britto; esse mesmo título recebeu nova tradução, por José Rubens Siqueira, em 2014. *Intérprete de males* possui nove contos e tem como tema principal a imigração e a relação dos imigrantes com a cultura norte-americana. Em 2008, Lahiri escreveu *Unaccustomed earth*, coletânea de contos traduzida por Fernanda Abreu em 2009 com o nome *Terra descansada*, que também aborda temática semelhante. Colocados no entre-lugar, os personagens experimentam situações ambivalentes, onde os imigrantes da primeira geração possuem identidades e orientações culturais firmemente ancoradas na cultura indiana; já a segunda geração, enquanto adquire uma nova identidade, vivencia um conflito com a herança cultural herdada.

Propomos a ideia de que, na obra de Lahiri, a segunda geração de imigrantes representa o sujeito pós-colonial, constituído por uma identidade fluída. Sua experiência é heterogênea, pois resulta de sua história, do seu presente, bem como de sua classe, raça, gênero e cultura, entre outros elementos. Esse sujeito vive em estado de contestação, onde suas posições podem ser repensadas e reconstruídas.

O termo **diáspora** tornou-se crucial na perspectiva da cultura e estudos étnicos na literatura moderna. A palavra é de origem judaica, remetendo à mudança, deslocamento, descentralização, espalhamento. Segundo o *Dicionário do Aurélio on-line*, o fenômeno significa a dispersão de povos, seja de alguns dos seus elementos, seja de uma comunidade (FERREIRA, 2018). Já o exílio tem o significado de expulsão da pátria, deportação, retiro, solidão (FERREIRA, 2018). Dessa forma, existe uma diferença entre os dois termos: enquanto o exílio geralmente é compelido e retrata a perda do lar, a diáspora descreve uma situação de morar longe de casa, da terra natal. Ela pode ser forçada, como também, pode ser escolhida ou herdada dos familiares que migraram.

Para os sujeitos da diáspora, a **ambivalência** faz parte do próprio processo de tentar ocupar um espaço marcado pelo trânsito entre culturas distintas que podem entrar em conflito. Almeida ressalta que a ambivalência faz parte do próprio processo de tentar ocupar um espaço marcado pelo entre-lugar e pelo trânsito (ALMEIDA, 2015, p. 14). É um sentimento de conflito entre situações que apresentam valores de sentidos opostos ou não. No caso dos sujeitos diaspóricos, os sentimentos que entram em conflito podem ser o de adaptação à nova cultura ou o de aceitação da mesma. O entre-lugar causa um desgaste psicológico muito grande para os sujeitos diaspóricos, que na maioria das vezes fazem comparações entre as duas culturas.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em seu livro, *Modernidade e ambivalência*, aborda o conflito existencial que ocorre devido às situações ambivalentes. Ele define a ambivalência como característica do modelo civilizatório ocidental:



A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar. O principal sintoma da desordem é o agudo desconforto que sentimos quando somos incapazes de ler adequadamente a situação e optar entre ações alternativas. (BAUMAN, 2005, p. 9)

Essa desordem causa desconforto. De acordo com Bauman, a ambivalência é o oposto da ordem. Os indivíduos que migram para outro país sentem esse desconforto, que é explorado pelos autores que trabalham com a diáspora. O controvertido autor indiano, Salman Rushdie, por exemplo, considera que o indivíduo que migra sofre uma “tripla ruptura”:

Um imigrante sofre, tradicionalmente, uma tripla ruptura: ele perde seu lugar antropológico, adota um idioma diferente e encontra-se em um ambiente em que os códigos sociais não só divergem dos seus, mas podem, às vezes, ser desagradáveis ou mesmo ofensivos. As raízes, o idioma e as normas sociais são, assim, três importantes elementos constituintes da identidade cultural. (RUSHDIE, 2010, p. 277-278)

Para Hall (2006), a diáspora faz parte da história humana e é responsável pela grande diversidade de identidades, pois o indivíduo que se desloca em situação diaspórica traz uma bagagem cultural que é contrastada por meio de outro local que se lhe impõe, fazendo com que o mesmo sofra novas mudanças em sua identidade.

O teórico crítico Homi Bhabha, um estudioso do hibridismo cultural, em seu livro *O local da cultura*, traz um questionamento relevante sobre o sujeito no entre-lugar:

Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da



diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)? (BHABHA, 1998, p. 19-20, ênfase no original)

Retomando a questão sobre a formação dos sujeitos no entre-lugar, indagamos: De que modo podemos pensar as questões de identidade na pós-modernidade, cuja característica é a não fixidez? Bhabha afirma que a "fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente" e a compara com a "ponte que reúne enquanto passagem que atravessa" (BHABHA, 1998, p. 24). Por outro lado, a experiência citada por Bauman exemplifica essa característica do entre-lugar, pois a vivência em uma terra estrangeira o afetou, como ele próprio elabora ao falar sobre uma "cisão da identidade" (BAUMAN, 2005, p. 16). Para Bhabha, a fronteira reúne justamente por permitir a passagem entre pontos extremos. Essas diferenças culturais entram em contato e passam a interagir de maneira positiva, não sendo mais vistas como pontos de separação.

Jhumpa Lahiri, autora que viveu na pele o entre-lugar, apresenta diferentes aspectos da identidade feminina indiana em seus textos. Nos contos, aborda a atitude submissa das mulheres em relação ao marido. Observamos que a primeira geração das mulheres imigrantes nos contos aqui abordados é preservadora da cultura de seu país natal: são mulheres que vivem à margem do contexto cultural e que se privam de suas emoções; são submissas aos seus maridos. As personagens femininas estão em constante busca do significado e valor da vida no novo espaço que habitam.

A consciência feminina da diáspora está aqui presente. A autora nos oferece um vislumbre da vida das donas de casa que, apesar de aparentemente se demonstrarem satisfeitas com os afazeres domésticos, vivem sob a opressão do domínio masculino. Lahiri apresenta mulheres em diferentes funções: são filhas, esposas, mães e sujeitos em busca de sua identidade. Ela retrata os problemas e as dificuldades, provações e tribulações das mulheres de classe média da sociedade indiana. Não oferece às suas personagens uma solução pronta para seus problemas, mas elabora situações em que elas acabam confrontando suas circunstâncias.

Dessa maneira, a autora propõe a questão do encontro cultural especificamente a partir da perspectiva da identidade das mulheres, que foram ensinadas desde pequenas a seguirem inquestionavelmente o ideal da cultura indiana. Lahiri descreve mulheres imigrantes indianas que, no novo país, se deparam com outras demandas culturais, com implicações de gênero. Podemos perceber como a cultura de uma sociedade interfere diretamente nas identidades das mulheres. Como Simone de Beauvoir já há muito tempo havia escrito:



Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR, 1980, p. 9)

Lahiri escreve sobre a situação das mulheres no ambiente diaspórico em seus contos, destacando como as de primeira geração são submissas aos maridos. Elas vivem um paradoxo entre tradição e modernidade, um mundo social de tradição às vezes desconexo da dinâmica do mundo moderno.

Almeida descreve como as escritoras contemporâneas, inclusive Lahiri, narram sobre os movimentos do trânsito na atualidade, levando à reflexão sobre a presença feminina em suas obras. Na maioria dos contos de *Intérprete de males* e *Terra descansada*, as mulheres imigrantes da primeira geração saem do país para acompanhar seus maridos na busca de uma melhor carreira profissional, mas elas se sentem solitárias, cumprindo as funções de cuidar do lar, cozinhando e cuidando de seus maridos e filhos. Já as filhas, imigrantes de segunda geração, em grande parte possuem curso superior, mas ainda vivenciam uma crise de identidade ao se compararem com suas mães. Desta forma, Almeida observa que é importante refletir sobre as novas ideologias adquiridas através do processo diaspórico, da globalização e do sujeito contemporâneo, sob um viés das relações de gênero. O processo migratório interfere diretamente na identidade dos sujeitos diaspóricos; por mais que os imigrantes de primeira geração tentam manter e repassar as tradições para seus sucessores, esses são influenciados pelas “novas ideologias” (ALMEIDA, 2015, p. 37).

A PERSONAGEM FEMININA EM *TERRA DESCANSADA*

Em *Terra descansada*, o conto que nomeia o livro, Lahiri narra a história de Ruma, uma mulher de 38 anos, imigrante de segunda geração, nascida nos Estados Unidos, que acaba de se mudar para Seattle com o marido. Ela tem um filho de três anos de idade, Akash, e está grávida de seu segundo filho. A morte súbita de sua mãe faz com que Ruma se sinta nostálgica. Ela e sua mãe tinham um relacionamento muito próximo uma da outra e muitas vezes ela se recorda da infância.



Depois das duas semanas de folga que Ruma recebera por causa do luto, não conseguira suportar a ideia de voltar. Supervisionar o futuro dos clientes, preparar seus testamentos e refinancear suas hipotecas parecia-lhe ridículo, e tudo que ela queria era ficar em casa com Akash, não apenas às quintas e sextas, mas todos os dias da semana. (LAHIRI, 2009, p. 160)

A morte de sua mãe de repente traz de volta a Ruma a sensação de perder a identidade indiana. Para Ruma, a perda de sua mãe significa a perda de um modelo na vida e da fonte da cultura tradicional. Ela também se sente muito preocupada quando seu pai oferece para visitá-la, porque tem medo de que ele se mude e vá morar com ela. “Ruma temia que seu pai se tornasse uma responsabilidade a mais para ela, e que fosse presente de uma maneira que ela não estava mais acostumada” (LAHIRI, 2009, p. 17). De acordo com a cultura bengali, as pessoas desfrutam de uma família extensa onde pais e filhos vivem juntos para cuidar uns dos outros. As crianças devem assumir a responsabilidade de cuidar dos pais quando crescerem.

Como não poderia deixar de ser, são várias as experiências da diáspora retratadas nos discursos e nas narrativas de autoria feminina, assim como são múltiplas as percepções das relações de gênero na diáspora, as experiências do deslocamento e os processos de movência, os espaços do local e dos discursos nacionalistas face ao global; as relações com o lar deixado para trás e aquele reconstituído na diáspora, as muitas raízes e rotas construídas, as identidades processuais nesse novo contexto, as múltiplas afiliações e pertencimentos, os processos de tradução cultural, os novos espaços de adesão afetiva, as geografias do medo e da raiva, entre outros. (ALMEIDA, 2005, p. 64-65)

Com o passar dos anos morando nos Estados Unidos, Ruma privou-se da cultura tradicional bengali. Ela sente que perdeu sua cultura indiana, casou-se com um homem branco contra a vontade de seus pais, escolheu usar roupas ocidentais ao invés de sáris indianos. Ruma raramente usa a língua bengali. Recusar-se a usar sua língua nativa mostra que ela se tornou uma estranha para sua própria cultura. “Nas raras ocasiões em que Ruma ainda falava bengali, quando uma tia ou um tio telefonava de Calcutá para desejar feliz Bijoya ou dar parabéns para Akash, ela tropeçava nas palavras, errava os tempos verbais” (LAHIRI, 2009, p. 23). Porém, Ruma muitas vezes se lembrava de sua mãe, que era uma mulher tradicional, e se apegava a muitas tradições indianas, como a dedicação aos



serviços da casa. Ruma relata como sua mãe a educou, tentando repassar-lhe os costumes indianos, mesmo em terra americana. Como exemplo: falar bengali, vestir o sári, preparar os alimentos, entre outros. Já Ruma não insistia em fazer com que seu filho Akash adotasse a cultura americana, como se pode perceber no trecho abaixo:

A essa altura, Akash já havia esquecido o parco bengali que Ruma lhe ensinara quando era bebê. Depois de ele começar a dizer frases completas, o inglês havia tomado a dianteira, e ela não tinha disciplina para se ater ao bengali (...). Sua mãe era rígida, tanto que Ruma nunca havia falado com ela em inglês. (LAHIRI, 2009, p. 22-23)

Nota-se uma mudança em relação à preservação dos costumes das mulheres indianas da segunda geração com as da primeira. Ruma, é retratada, nos Estados Unidos, cuidando do lar, através de imagens conectadas com o lugar (Seattle). A mãe de Ruma nunca foi forçada a se adaptar às novas condições de vida na América e ela nunca manifestou vontade em aprender a nova cultura. Em vez disso, ela era de fato uma preservadora da cultura de sua terra natal em seus muitos aspectos: cozinhar comida indiana, vestir as roupas tradicionais e falar bengali com sua família.

É importante ressaltar a diferença da identidade da mulher de primeira geração daquela da segunda: a mãe de Ruma é vista com uma identidade estável, zeladora do lar, um sujeito que não questiona suas funções e seu papel. Já as mulheres imigrantes de segunda geração não consideram a Índia como sua casa. A mãe de Ruma permaneceu ligada à sua terra natal, que era seu ponto de referência. Ela recriou o lar indiano na América, mas não se interessou em lançar raízes na nova terra. Já Ruma, questionadora de seu papel e de suas funções, se vê frustrada ao se comparar com sua mãe. Para Ruma, era frustrante ter que fazer as tarefas da casa, se sentia solitária, seu desejo era trabalhar como o marido. Ela representa o sujeito no entre lugar, o indivíduo que se sente deslocado, como pode ser notado no trecho abaixo:

Não estava preparada para tamanha quantidade de trabalho, para o quanto se sentiria isolada. Havia manhãs em que desejava simplesmente se vestir e sair pela porta, como Adam. Não entendia como a mãe fazia aquilo. Quando estava crescendo, o exemplo da mãe – mudar-se para um lugar desconhecido por causa do casamento, passar a vida cuidando



dos filhos e da casa – lhe servira de alerta, um caminho a ser evitado. (LAHIRI, 2009, p. 21)

A mãe de Ruma se sentia infeliz com a vida na América e seu marido parecia se sentir culpado por não ter lhe proporcionado uma vida melhor. Mas, mesmo assim, a mulher o acompanhava sem questionar. Ela criou os dois filhos na América, falando com eles exclusivamente em bengali, fazia comidas indianas e possuía mais de duzentos dólares. Esses aspectos de sua vida na América mostram como ela foi capaz de se agarrar aos modos de vida indianos. Quando Ruma decidiu se casar com um americano, sua mãe ficou chocada, pois isso colocaria em risco a identidade e os valores indianos. Como resultado, ela continuou a alertar Ruma contra isso: "Você tem vergonha de si mesmo, de ser indiana, a verdade é essa" (LAHIRI, 2009, p. 38). Mas com o passar dos anos a mãe de Ruma passou a amar Adam como um filho. Após o nascimento de Akash, Ruma sentiu-se perdoada pela sua mãe, pelas muitas vezes que a havia desrespeitado. Desta maneira, a relação entre elas se tornou mais harmoniosa.

As mulheres no contexto diaspórico acabam percorrendo um caminho duplo e também difícil ao se tornarem, muitas vezes, o elo que une dois mundos divergentes: estão presas entre modelos patriarcais, passados e futuros ambíguos. (CLIFFORD, citado em ALMEIDA 2015, p. 57)

É válido ressaltar na que no contexto pós-colonial da diáspora, as mulheres são frequentemente levadas a uma renegociação das relações de gênero.

Na experiência colonial as mulheres eram simbolicamente vistas como um lugar, espaço e território dos debates históricos e ideológicos ao invés de sujeitos de ação. Mas com a inserção de novas configurações políticas, culturais e sociais na pós-colonialidade e nos novos espaços discursivos, os sujeitos femininos surgem vinculados a novas significações e possibilidades enunciativas. (LOOMBA, citado em ALMEIDA 2015, p. 57)

Nesse mesmo conto, Jhumpa Lahiri dá o exemplo da sra. Bagchi para indicar que se uma mulher bengali da primeira geração se junta à força de trabalho, ela naturalmente se integrará à sociedade e abandonará muitos dos



costumes tradicionais indianos, como se vestir com sáris. A sra. Bagchi é uma mulher independente que criou uma vida para si mesma sem a ajuda de um homem, e aqui também ela surge como o oposto exato da mãe de Ruma.

A sra. Bagchi era uma exceção, havia se casado com um rapaz que amava desde menina, mas depois de dois anos ele morrera em um acidente de scooter. Aos vinte e seis anos, ela se mudara para os Estados Unidos sabendo que, caso não o fizesse, os pais tentariam casá-la novamente. (LAHIRI, 2009, p. 19)

Sendo vítima da marginalização baseada no gênero e na cultura, ela rompe todos os limites tradicionais ao adotar o estilo de vida americano e surpreende a todos ao decidir permanecer solteira pelo resto de sua vida. “Ela morava sozinha e lecionava na Universidade de Stony Brook. Ela usa roupas ocidentais, cardigãs e calças pretas e prendia o grosso cabelo escuro com um coque” (LAHIRI, 2009, p. 20). Portanto, seu caráter de imigrante é contrário ao da mãe de Ruma, que ansiava por essas viagens à Índia e continuava a se vestir de sári. A sra. Bagchi rompe todos os paradigmas da cultura indiana, de uma mulher submissa, uma filha obediente e uma mãe responsável. Ela prefere viver uma vida livre de tais limitações. No entanto, ela ainda ama seu falecido marido e nega compartilhar sua casa com outro homem.

O pai de Ruma, após a morte de sua esposa, começou a viajar sozinho e encontrou a sra. Bagchi em uma dessas viagens. Como eram os únicos bengaleses da excursão, passaram a fazer refeições juntos e ele começou a apreciar a companhia da sra. Bagchi (LAHIRI, 2009, p. 19). É interessante como a posição da independência da mulher faz com que o homem tenha um outro olhar para ela. No trecho a seguir fica bem clara a apreciação da independência feminina: “Talvez pelo fato de ela esperar tão pouco, ele era generoso com ela, atencioso de uma forma que nunca havia sido no casamento” (p. 20). O tratamento do pai de Ruma com a sra. Bagchi chama a atenção pela apreciação que ele tem por sua independência, por ela não depender dele financeiramente. Isso faz com que ele sinta uma grande admiração e respeito por ela, algo diferente do que sentia por sua esposa, uma mulher totalmente dependente e submissa.

A sra. Bagchi representa uma mulher com uma vida completamente diferente da de Ruma e também de todas as outras personagens femininas do conto *Terra descansada*. Imigrou para os Estados Unidos, sozinha, fez doutorado em estatística e foi professora em uma universidade americana por quase trinta anos. A sra. Bagchi é um exemplo de como uma mulher bengali pode ser realmente livre e seguir uma carreira, desafiando, desta forma, a tradição indiana.



Ruma foi bem educada, se tornou advogada em Nova York e foi bem-sucedida e independente. Mas depois de se mudar para a nova casa por causa do trabalho de seu marido, ela desistiu de sua carreira profissional e começou a ser como a sua mãe, apenas cuidava da casa e do lar. “Agora, seu trabalho era em casa: folhear as pilhas de catálogos que chegavam pelo correio, marcá-los com post-its, encomendar lençóis com estampa de dragões para o quarto de Akash” (LAHIRI, 2009, p. 16).

Com a visita do pai, gradualmente, Ruma foi se achegando a ele, e seu pai começou a se aproximar de Akash, o ensinou a falar bengali, criou um jardim para Ruma no quintal. Ruma aos poucos vai se aproximando de seu pai, e ele não esconde sua preocupação com o fato dela ter abandonado sua profissão para cuidar do lar. Ele percebe que ela está se tornando excessivamente dependente do marido, como sua mãe fora. Tem medo de que sua filha seja tão infeliz quanto sua mãe.

Como sua mulher, Ruma agora estava sozinha naquele lugar novo, sobrecarregada, sem amigos, cuidando de um filho pequeno, e tudo aquilo lembrava demais os primeiros anos de seu casamento, anos pelos quais sua mulher nunca o havia perdoado. Sempre pensara que a vida de Ruma seria diferente. (LAHIRI, 2009, p. 53-54)

Então seu pai começou a questioná-la, perguntando-lhe se conseguiu um emprego para exercer advocacia, afinal ela sempre havia trabalhado, mas Ruma disse que não estava pronta e que só voltaria a trabalhar quando o bebê que ela estava esperando fosse para o jardim de infância. E seu pai insistia: “Eles não vão ser crianças para sempre, Ruma” (LAHIRI, 2009, p. 49). É notável a preocupação do pai ao perceber que sua filha, que foi preparada para ser uma mulher realizada profissionalmente, estava se tornando dependente como sua mãe havia sido. Até mesmo Ruma se via frustrada em estar seguindo os mesmos passos de sua mãe, algo que ela evitava. Inconformado, seu pai continuava a lhe aconselhar a voltar a trabalhar: “É importante confiar em si mesmo, Ruma, prosseguiu ele. A vida é cheia de surpresas. Hoje você pode depender de Adam, do emprego de Adam. Amanhã, quem sabe?” (p. 51).

Desta forma, podemos perceber que o pai de Ruma tem uma tendência a ir além dos costumes e valores tradicionais; portanto, seu comportamento se parece mais com o dos americanos do que com o dos indianos mais tradicionais. Por exemplo, ele está profundamente preocupado com a decisão de sua filha de viver como uma mera dona de casa. Parece que a morte de sua esposa o libertou dos costumes a que ela lhe impusera, devido a seus antigos modos de vida indianos. Agora a morte de sua esposa não só o libertou desses



tormentos, mas também removeu as barreiras nas suas relações com a filha. Depois de passar uma semana com o pai, Ruma confessa que “até agora, ela não sabia certas coisas sobre ele. Ela não sabia o quão auto-suficiente ele poderia ser, o quão útil, a ponto de ela não ter tido que lavar um prato desde que ele chegou” (LAHIRI, 2009, p. 47). O pai, por sua vez, observa mudanças na filha em relação a ele: “Ela precisava dele, como ele nunca sentiu que precisava dele antes” (p. 53). A ausência da mãe de Ruma acaba unindo pai e filha, pois Ruma começa a conhecer melhor o pai e percebe o cuidado que ele teve com ela durante o período que ficou em sua casa. Apesar de pensar que seu pai seria um fardo, ele a surpreendeu, porque assim pode perceber como sua presença lhe fez sentir mais segura em relação à criação de seus filhos. Então ela pede a seu pai que more com ela, e que continue viajando sempre que quiser. Mas seu pai não queria viver à margem da filha.

Como vimos nesse conto, as personagens femininas imigrantes de primeira geração seguem mais a tradição e os valores indianos do que as personagens da segunda. Essa última, nascida na América, acaba se identificando com os valores americanos, como a liberdade e o casamento por amor. Em alguns casos, a segunda geração se esforça para viver de acordo com os dois conjuntos de valores, mas experimenta um conflito cultural ao comparar e vivenciar as duas culturas. Assim, passa a habitar, como afirma Carol Boyce Davies, “o espaço do entre-lugar, que é nem aqui, nem lá” (DAVIES, citada em ALMEIDA, 2015, p. 63). Por esse motivo, a segunda geração vive um processo de constante negociação e renegociação de identidade.

A PERSONAGEM FEMININA EM *INTÉRPRETE DE MALES*

Intérprete de males, o conto que dá nome ao livro, relata uma história simples de um guia turístico, o sr. Kapasi, que acompanha o casal Das (Raj e Mina) e seus três filhos (Tina, Bobby e Ronnie) a uma visita ao Templo do Sol Konarak, na Índia. A família é de origem indiana e moram em Nova Jersey, EUA. A narrativa retrata o conflito psicológico e a condição das personagens femininas. A leitura do conto mostra o sofrimento das duas personagens femininas, a primeira é a sra. Das, que é a protagonista feminina do conto, e a segunda é a sra. Kapasi, a esposa do sr. Kapasi (guia de turismo).

O sr. Kapasi é guia turístico e também intérprete de um médico que não conhece guzerate, uma língua falada na Índia. Ele tem muitos pacientes guzerates e paga o sr. Kapasi para intermediar as consultas: “Meu pai era guzerate, mas nessa região tem muita gente que não fala guzerate, inclusive o médico. Por isso ele me chamou para trabalhar no consultório traduzindo o que os pacientes



dizem” (LAHIRI, 2001, p. 64). O sr. Kapasi havia perdido um filho, foi assim que conheceu o médico e tornou seu intérprete. Mas sua esposa jamais conseguiu superar a morte do filho e preferia não conversar com o marido sobre seu trabalho. “Jamais lhe perguntava a respeito dos pacientes que frequentavam o consultório médico, e nunca lhe disse que seu trabalho era uma tremenda responsabilidade” (p. 68-69). Nunca se reconciliou com a ideia de ele trabalhar lá, pois a clínica sempre a lembrava da perda de seu filho.

Por causa dessa situação, o sr. Kapasi não queria ir para casa mais cedo enquanto ele estava com a família Das, porque pensar sobre o silêncio de sua esposa o assustava demais. O silêncio é simbólico, devido ao vazio que se formou na vida da sra. Kapasi. Ela não foi capaz de aceitar a perda de seu filho.

As virtudes femininas consideradas tradicionais, como a criação dos filhos, são mostradas em contraste nas duas personagens femininas. A sra. Kapasi era uma mãe amorosa que ainda está de luto pela morte de seu filho. Já a sra. Mina Das é mostrada como uma mãe diferente da tradicional, demonstrando não caber somente a ela o papel de cuidar dos filhos, como era retratado nas mulheres tradicionais. Isso pode ser visto quando ela discorda com Raj sobre quem deveria levar Tina ao banheiro: “No quiosque de chá o sr. e as sra. Das discutiram a respeito de quem teria de levar Tina ao banheiro. Por fim a sra. Das cedeu quando o marido lembrou que fora ele quem dera banho na menina na véspera” (LAHIRI, 2001, p. 57). De fato, a sra. Mina Das não é uma mulher submissa que cumpre sozinha o papel na criação dos filhos.

O casal Das, descendentes de segunda geração e nascidos nos Estados Unidos, representam o sujeito pós-moderno, pois não mantêm os costumes de seus pais na criação dos filhos, e nem mesmo se comportam ou se vestem como indianos. As expectativas do sr. Kapasi são reveladas quando ele espera que os turistas exibam valores culturais semelhantes aos seus. “Fisicamente eram indianos, porém vestiam-se como estrangeiros, as crianças com roupas desconfortáveis, de cores vivas, e bonés com viseiras translúcidas” (LAHIRI, 2001, p. 58). O sr. Kapasi também observa que os costumes da família são aqueles dos americanos: “Quando ele se apresentou, o sr. Kapasi, juntou as palmas das mãos em saudação, mas os sr. Das apertava as mãos como os americanos e o sr. Kapasi sentiu a pressão no cotovelo” (p. 52).

A sra. Das representa a mulher moderna, que muitas vezes não consegue conciliar suas emoções diante das situações de sua vida. Ela perde sua identidade a cada passo da vida conjugal, primeiro com o casamento, depois com os filhos:

Casou-se muito cedo e depressa se viu avassalada por tudo o que aconteceu, o filho que nasceu depressa, os cuidados com o bebe, as mamadeiras que tinha de preparar, testando a



temperatura do leite no pulso, enquanto Raj, de suéter e calça de veludo cotelê, falava a seus alunos sobre rochas e dinossauros. (LAHIRI, 2001, p. 78)

Como mencionado anteriormente, o sujeito na pós-modernidade está imerso em diversos contextos culturais e sociais, não tendo uma identidade fixa, resultando em um ser fragmentado. As mulheres geralmente passam por um conflito identitário, formando assim novas identidades:

Consequentemente, as mulheres frequentemente desenvolvem identidades confusas e um senso de deslocamento que afeta suas estratégias de formação de novas identidades, constringendo-as em uma luta constante em um espaço “passado-presente”. (BHABHA, 1998, p. 7, ênfase no original)

Mina Das cometeu um adultério que acarretou sérias consequências no decorrer de sua vida. Apesar de seu filho Bobby estar com oito anos, ela não consegue se desligar do passado, e isso se torna uma luta constante dentro de si, gerando nela um conflito de identidade. Nesse sentido, torna-se pertinente a seguinte afirmação de Hall:

Essas mudanças das quais os indivíduos são obrigados a conviver na pós-modernidade fazem-lhes jogar o “jogo de identidades”. Isso significa que cada indivíduo em determinadas circunstâncias se posicionará de acordo com a identidade que melhor lhe convier, ou seja, aquela com que ele mais se identificar. Isso implica algumas observações: a) as identidades são contraditórias; b) as contradições atuam tanto dentro como fora da cabeça de cada indivíduo; c) nenhuma identidade é singular; d) a identificação não é automática, porém pode ser ganhada ou perdida. (HALL, 2005, p. 16, ênfase no original)

Essa contradição que Hall fala pode ser identificada nas atitudes da sra. Das, pois os sentimentos conflituosos que a atribulavam culminaram na atitude inesperada, no caso o adultério. E após esse ato, ela engravidou de Bobby e nunca contou para o marido que o filho não era dele. Mas esse segredo a sufocava e, em uma conversa com o sr. Kapasi, como uma forma de desabafar suas angústias, ela confessa ter cometido o adultério:



Bobby foi concebido numa tarde, num sofá cheio de brinquedos de borracha para bebês, depois que o amigo ficou sabendo que fora contratado por uma companhia farmacêutica de Londres, enquanto Ronny chorava para que o tirassem do cercado. Ela não reclamou quando o amigo tocou-a nas costas no momento em que ia preparar o café, e em seguida apertou-a contra seu terno azul-marinho recém-passado. Amou-a depressa e em silêncio, com uma perícia que ela jamais conhecera, sem as expressões e sorrisos carinhosos que Raj achava indispensáveis depois do ato. (LAHIRI, 2001, p. 79)

O sr. Kapasi ficou intrigado porque a sra. Das estava lhe contando esse segredo. Além disso, a sra. Das ressalta que tem vergonha de olhar para seus filhos, para Raj, que sempre se sente mal. "Tenho impulsos terríveis, de jogar fora as coisas. Um dia tive vontade de jogar tudo que tenho pela janela, a televisão, as crianças, tudo. O senhor não acha isso doentio?" (LAHIRI, 2001, p. 80). Ela, na verdade, estava à procura de algum remédio para sua angústia, para sua aflição e via no senhor Kapasi uma saída para essa angústia que tanto a atormentava. Ela confessou tudo porque pensou que o sr. Kapasi a ajudaria a se sentir melhor ou a relaxar mentalmente, mas, infelizmente, o sr. Kapasi perguntou a ela: "É realmente uma dor que você sente, sra. Das, ou é culpa?" (p. 81). Uma resposta como essa provavelmente foi à razão pela qual ela não havia revelado esse segredo a ninguém nos últimos oito anos. Porque ninguém entenderia facilmente seus sentimentos interiores e seu sofrimento. Talvez, depois de ter exposto sua situação ao sr. Kapasi, a sra. Das tivesse sentido um alívio do peso que carregava em seu coração nos últimos oito anos.

Analisado por meio de uma perspectiva feminista, o conto oferece muitas nuances da vida cotidiana, comuns a muitas mulheres. A sra. Das é exemplo de várias mulheres da nossa sociedade moderna, vítimas da organização social, marcadas pelo conflito psicológico.

Há um ponto de encontro entre as duas personagens femininas do conto *Intérprete de males*: o silêncio da sra. Kapasi em relação à perda do filho era uma forma de demonstrar sua dor, sua tristeza. Já o segredo da sra. Das era um silêncio que a sufocava, que lhe fazia mal e a perturbava. A sra. Kapasi representa uma personagem indiana que se submete às tradições e à cultura indiana; a sra. Das, por outro lado, representa uma personagem imigrante de segunda geração, que questiona seu dever como mulher, como mãe e que vivencia um conflito de identidade característico do sujeito pós-colonial.

É interessante ressaltar que tanto a personagem Ruma de *Terra descansada* quanto a sra. Das de *Intérprete de males*, têm o sentimento de "estar deslocado" (SAID, 2003, p. 59), esse sentimento de não se adequar à vida



cotidiana, com afazeres domésticos que antes eram tão comuns para suas mães. Para elas, fechar-se em uma única identidade indica sofrimento. Estes são alguns dos sentimentos da modernidade tardia, que geram a "crise de identidade", indicada por Hall:

A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p. 7, ênfase no original)

Como as personalidades são moldadas por valores socioculturais e pelo ambiente em que vivem, fica bem explícita a diferença dos valores culturais entre os imigrantes da primeira e segunda geração. Lahiri apresenta as personagens indianas em diversos tipos de conflitos. Ela mostra a diferença entre as personagens femininas de primeira e segunda geração. Enquanto as da primeira geração sentem orgulho de seu passado cultural, a segunda geração já não sente esse mesmo apego cultural, o que remete a uma mudança de pensamento e estilo de vida. As imigrantes de primeira geração são fiéis à cultura indiana, enquanto as imigrantes de segunda não sentem a obrigação de seguir os passos de seus pais. Essa diferença pode estar relacionada ao fato de que os imigrantes de primeira geração costumam ter conexões e memórias mais fortes de sua terra natal do que os de segunda geração. Ethel Kosminsky aborda esse tema em um artigo que discute as relações de gênero vividas por mulheres imigrantes judias que se fixaram em São Paulo e em Nova York. Ela tece uma comparação entre as imigrantes da mesma origem nascidas em sociedades diferentes e afirma que:

A comparação de imigrantes de uma mesma origem que se fixaram em duas diferentes sociedades permite verificar a plasticidade do processo de adaptação do imigrante em toda a sua riqueza e variedade pelo levantamento das semelhanças e diferenças entre as sociedades receptoras. (KOSMINSKY 2004, p. 281)

Todos esses personagens diaspóricos lutam inicialmente para aceitar a cultura nativa ou a cultura adotada, mas depois acabam optando por uma delas. No caso dos imigrantes de primeira geração, a cultura de sua terra natal é



geralmente mantida, enquanto os da segunda tendem a optar pela cultura do país de imigração.

CONCLUSÃO

Lahiri apresenta diferentes aspectos da identidade feminina indiana. Podemos perceber que as mulheres imigrantes de primeira geração possuem mais apego às tradições indianas e resistem às mudanças, enquanto as de segunda geração tendem a optar pela cultura do país de migração, sendo influenciadas pelo novo ambiente. As percepções das imigrantes de segunda geração diferem daquelas de suas mães, uma vez que não se sentem arraigadas à cultura e à tradição de seus antecessores. Isso ocorre devido ao fato de seus códigos culturais terem sido modificados. Podemos identificar essa diferença de percepção no conto *Intérprete de males*, onde a sra. Das representa a personagem indiana de segunda geração, que contesta o seu dever de mulher e de mãe; assim, vive um conflito de identidade característico do sujeito pós-colonial. Ela não mantém os costumes indianos na criação de seus filhos.

Observamos também a importância dos estudos pós-coloniais e sua relação com o termo "Terceiro Espaço" (BHABHA, 1998, p. 19). Isso nos ajuda a analisar as situações de conflito nos contos de Lahiri. Ela, como autora pós-colonial, escreve personagens que vivem no terceiro espaço, o espaço da consciência diaspórica, onde o sujeito experimenta diferenças culturais. É nesse espaço que o sujeito contesta e muitas vezes se opõe a seguir as tradições culturais que lhe são impostas. A partir daí começa a construção e desconstrução que resulta na formação da identidade.

A forma como são representados os imigrantes na obra de Lahiri nos permite perceber a que pressões eles são expostos durante o processo de mudança de país. A crise identitária permeia todos os contos, onde os personagens diaspóricos são cidadãos que não pertencem apenas a um, mas a vários mundos. Como Hall aborda:

Eles são o produto das *novas diásporas* criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (HALL, 2005, p. 89, ênfase no original)



Esse mesmo conflito aparece na personagem Ruma do conto *Terra descansada*. Ruma tem o sentimento de estar deslocada e de não se adequar à vida cotidiana. Não consegue repassar as tradições indianas para seu filho Akash e ensinar-lhe a língua bengali. Já as mulheres indianas de primeira geração são representadas com uma identidade mais fixa, procuram manter os costumes de sua terra natal. Nesse contexto, as mulheres, como aponta Almeida (2015), frequentemente se tornam um elo que liga dois mundos diferentes. Elas estão presas entre aos modelos tradicionais passados e futuros ambíguos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. R. G. *Cartografias contemporâneas – Espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

BAUMAN, Z. *Identidade – Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário do Aurélio on-line*. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/diaspora>. Acesso em: 29 de jan. 2018.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

KOSMINSKY, E. V. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*, n. 23, Campinas, jul.-dez. 2004, p. 279-328.

LAHIRI, J. *Intérprete de males*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Terra descansada*. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAKSHMI, D. S.; CHITHRA, V. B. *Indian diaspora writers: a study*. Disponível em: <http://publications.anveshanaindia.com/wp-content/uploads/2017/08/INDIAN-DIASPORA-WRITERS%E2%80%93A-STUDY-1.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2019.

RUSHDIE, S. *Imaginary homelands*. London: Vintage, 2010.



SAID, E. W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

